



A VOZ ANCESTRAL EM NÓS: produção partilhada de conhecimento na construção da BIONAS “Abya yala desde el sur com as etnias Desana e Tariana - entrevista com Maracás”

THE ANCESTRAL VOICE IN US: shared production of knowledge in the construction of BIONAS “Abya yala desde el sur with the Desana and Tariana ethnic groups - interview with Maracás”

Thamara Parteka¹
Jairo Adriano Almeida do Nascimento²
Danilo Seithi Kato³

Resumo: O presente trabalho é resultado de experiências advindas de estudos e vivências desenvolvidas na disciplina “Interculturalidade e Educação Popular: saberes afro-ameríndios decoloniais”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). A produção deste material se deu de modo intercultural com as culturas Desana, Tariana e não originária, no contexto de produção de uma Bionarrativa Social (BIONAS). As BIONAS são definidas como um Recurso Educacional Aberto, incorporando elementos multimodais para dar forma aos processos dialógicos e assíncronos vivenciados por diferentes territórios (KATO, 2020). Como metodologia utilizou-se o gênero discursivo *podcast* que foi elaborado por meio de captação de áudios, via plataforma *Whatsapp*, e por meio do programa de edição de áudios, *Audacity*. A produção se deu a partir da experiência, em que os participantes foram afetados por meio das vivências, possibilitando atravessamentos outros, não limitados pela fronteira colonial. Para isso, estabeleceu-se o pacto etnográfico (KOPENAWA; ALBERT, 2015), em que foram construídas alianças entre os participantes de diferentes culturas, abrindo caminhos para a troca de saberes entre as ciências da floresta e a ciência dos não indígenas. Neste sentido, estabeleceu-se a produção partilhada de conhecimento (LAZANEO, 2012), em que o saber institucional, universidade, e os saberes tradicionais, dos povos originários, se encontraram, negociaram e construíram o *podcast* “Abya Yala desde el Sur com as etnias Desana e Tariana – entrevista com Maracás”. O

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), na linha de pesquisa "Educação e Sociedade", campus de Uberaba (MG). Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2020), campus Rondonópolis na linha de pesquisa: Infância, Juventude e Cultura Contemporânea. Mestra em História, Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2016), campus de Marechal Cândido Rondon na Linha de Pesquisa: Práticas Culturais e Identidades.

² Graduado em Licenciatura em Artes Cênicas, pela Universidade Federal de Ouro Preto - MG. Foi aluno bolsista de intercâmbio durante o ano de 2014 na Universidade de Guadalajara (UdeG). Possui especialização em Orientação, Supervisão, Inspeção Escolar e Ensino Religioso, pela Faculdade São Luís (2016) Concluiu a segunda graduação de Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Educacional Claretiano (2019)

³ Possui graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (2003), Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2008), e Doutorado no programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP



PARTEKA, T.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



resultado deste trabalho é o produto didático - *podcast*, elaborado a partir do protagonismo dos Desana e Tariana, colaborando para a prática educacional antirracista e decolonial.

Palavras-chave: Educação decolonial; Bionas; Podcast intercultural; Etnia Desana; Etnia Tariana.

Abstract: The present work is the result of experiences arising from studies and experiences developed in the subject “Interculturality and Popular Education: decolonial Afro-Amerindian knowledge”, linked to the Graduate Program of the Federal University of Triângulo Mineiro (UFTM). The production of this material took place in an intercultural way with the Desana, Tariana and non-original cultures, in the context of the production of a Social Bionarrative (BIONAS). BIONAS are defined as an Open Educational Resource, incorporating multimodal elements to shape the dialogical and asynchronous processes experienced by different territories (KATO, 2020). As a methodology, the discursive genre podcast was used, which was elaborated by capturing audios, via the Whatsapp platform, and through the audio editing program, Audacity. The production took place from the experience, in which the participants were affected by the experiences, allowing other crossings, not limited by the colonial border. For this, the ethnographic pact was established (KOPENAWA; ALBERT, 2015), in which alliances were built between participants from different cultures, opening paths for the exchange of knowledge between forest sciences and the science of non-indigenous people. In this sense, the shared production of knowledge was established (LAZANEO, 2012), in which institutional knowledge, university, and traditional knowledge, from the original peoples, met, negotiated and built the podcast “*Abya Yala desde el sur* with the Desana and Tariana ethnic groups – interview with Maracás”. The result of this work is the didactic product - podcast, elaborated from the protagonism of Desana and Tariana, collaborating for the anti-racist and decolonial educational practice.

Keywords: Decolonial education; Biones; Intercultural podcast; Desana ethnicity; Tariana ethnicity.



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



Introdução

Na ocasião do curso “Jenipapos – Literatura de autoria indígena”¹ (2020) Ailton Krenak defende a oralidade como um meio de transmissão de saberes e um instrumento de resistência que se manteve oculto diante das violências sofridas pelos processos de colonização e pelas práticas de colonialidade. As narrativas, os saberes e as tradições dos povos originários perpetuaram não por meio de papéis, livros, manuais, teses ou dissertações, mas pelas próprias vozes destes povos que se mantiveram ecoando por meio das rodas, dos rituais, das conversas nos terreiros, por meio daquilo que Krenak chamou de não útil (KRENAK, 2020), dos encontros que acontecem no ritmo da vida não marcada pelo tempo.

As narrativas transmitidas oralmente marcam os rituais cotidianos de diferentes tradições originárias, que reconhecem, como diria Beto Guedes em “Amor de Índio”, que “tudo o que move é sagrado” (1986). A imagem colhida em um sonho, a queda da folha de uma árvore, a virada do tempo, a fúria de um rio, o canto de um Japiim, cada um desses elementos transmite uma mensagem para aqueles que tomam a Natureza como uma mestra e a si próprio como um aprendiz. Mas para saber ouvir as vozes ancestrais que ecoam no riacho, no posicionamento das estrelas ou zunido do vento é preciso suspender o céu (KRENAK, 2019) e fazer valer o presente, com a presença.

Povos que estavam condenados ao desaparecimento pelo colonialismo e colonialidade insurgem na Literatura, no Cinema, nas Artes Visuais, nas Artes Plásticas, na Educação e em *Podcasts* por meio da oralidade. A oralidade que outrora permanecia imersa em sua própria cultura vai ocupando diferentes territórios, tradições e configurações, em um tempo e em um espaço marcados pela trans-modernidade, que une instrumentos



PARTEKA, T. et. al.



tecnológicos desenvolvidos pela modernidade (*podcast*) e recursos de pensamento fronteiriço, tratando-se da co-realização da modernidade com a sua Alteridade negada (DUSSEL, 2005).

No contexto da trans-modernidade e com o propósito de praticar uma educação decolonial é que surge as Bionarrativas Sociais (BIONAS) que podem ser definidas como um Recurso Educacional Aberto (REA) que incorpora elementos multimodais para entoar diferentes vozes e histórias locais por meio de narrativas digitais e da relação entre Arte e Ciência (KATO, 2020). Os REA's são materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições (SANTOS, 2013).

A possibilidade de elaboração da BIONA “*Abya Yala desde el Sur* com as etnias Desana e Tariana – entrevista com Maracás”⁴ foi possível por meio da proposição da disciplina “Interculturalidade e Educação Popular: saberes afro-ameríndios decoloniais”, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, ministrada pelos professores Danilo Sheiti Kato, Luciana de Almeida Silva Teixeira e Rosemberg Ferracini.

A condução da disciplina se deu de forma prática e teórica, em que os estudantes da pós-graduação realizaram leituras teóricas – de textos pertinentes a temática trabalhada em cada encontro e participaram de vivências com mestres e mestras de Cultura, representando diferentes grupos sociais, tais como: os Movimentos Sociais do Campo, a Capoeira, a Congada, o Candomblé, o Quilombo e os Povos Originários, momento em que esses

⁴O *podcast* está disponível na plataforma <https://bionarrativassociais.wordpress.com/blog/> para consulta junto com outras bionas.



PARTEKA, T. et. al.



diferentes atores sociais puderam estabelecer trocas entre suas práticas e saberes. Os representantes das culturas tradicionais se deslocavam até a universidade e os estudantes de pós-graduação se deslocavam até a comunidade tradicional², a fim de estabelecer um intercâmbio dialógico e horizontal entre as diferentes culturas.

Desse modo, o objetivo deste trabalho, relato de experiência, é apresentar e refletir através desta narrativa, o processo de construção de uma BIONAS em formato *podcast*, a partir do diálogo com dois mestres de cultura do povo Desana e Tariana, Diâkarapo⁵ e Ka'ali⁶ e dois estudantes não indígenas do mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

A partir da personificação de materiais concretos, o grupo optou por criar uma ficção-áudio-narrativa pela perspectiva de “dois Maracás” representando personagens indígena, “uma Tinta” e “um Pincel”, ambos representando personagens não-indígenas que fazem emergir reflexões sobre territorialidades, identidades a partir de experiências e memórias plurais. O material didático, *podcast*, foi elaborado de forma coletiva por todos os membros do grupo, sendo editado pelo programa *Audacity* com captura de áudios de entrevistas gravadas pela plataforma de *Whatsapp*, totalizando o tempo de 18 minutos.

1. MAPEANDO AS ETNIAS: QUEM SÃO OS DESANA E OS TARIANA?

⁵ Claudilene Pedrosa Caldas (nome não indígena), estudante de graduação do curso de Engenharia Florestal, da Universidade Federal de São Carlos (UFScar).

⁶ Agostinho Brazão Barbosa (nome não indígena), estudante de graduação do curso de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Campinas).



PARTEKA, T. et. al.



Os Desana e os Tariana vivem às margens do Rio Uaupés e seus afluentes, no Amazonas junto a outras 15 etnias⁷, que se estendem até o território da Colômbia – todas ligadas à família linguística tukano oriental. Esses diferentes grupos étnicos estabelecem alianças com rituais e casamentos e trocas comerciais, compondo um grupo socio-cultural chamado “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. (HUGH-JONES; CABALZAR, 2002). São falantes da língua Tukano e se autodenominam como “*Umukomasã*”, gente do universo.

Estima-se em 1,6 mil a população Desana que vive em território brasileiro e está distribuída em 60 comunidades misturadas com outros povos da mesma família linguística na bacia do rio Uaupés, já que a tradição é patrilinear e exogâmica: se caracteriza por falar a língua do pai e se casar com membros de outros grupos, idealmente falantes de outras línguas. Alguns Desana vivem, atualmente, também no médio curso do rio Negro, assim como na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

São socialmente divididos em três grupos, cada qual reunindo vários *sibs*⁸. Os *sibs* de avôs (xamã-rezadores), cujo líder maior era *Wari Diputiro* (cabeça chata), exerciam, a pedido dos chefes, as funções de prevenção, proteção e cura das doenças. Eles são referenciados como os que detêm conhecimentos sobre as tradições míticas e dos encantamentos de proteção, de cura e de agressão. Os *sibs* de servos eram os pescadores e caçadores dos *sibs* de chefe, que assumiam outras tarefas, como, por exemplo, preparar o pó de *ipadu* e o tabaco e cuidar das tochas de breu durante os rituais. (GARNELO; BUCHILLETI, 2006).

As funções sociais dentro da etnia são divididas em aproximadamente 30, entre chefe, mestres de cerimônia, os *yea* (xamãs-onça), e os *kumua* (xamãs-rezadores) e ajudantes.

⁷ Arapaso, Bará, Barasana, Karapanã, Kubeo, Makuna, Mirity-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tukano, Tuyuca, Kotiria, Tatuyo, Taiwano, Yuruti

⁸ Grupos de um ancestral comum que não podem casar entre si.



PARTEKA, T. et. al.



(HUGH-JONES; CABALZAR, 2002). Os *yea* recebem o poder, a partir do contato estabelecido com os espíritos, por meio da inalação do rapé (pó de paricá); são descritos como tendo a capacidade de se transformar em onça para realizar certas tarefas. Eles efetuam as curas xamânicas através de diversas técnicas de manipulação do corpo (massagens, sucção, etc.) que visam a extrair do corpo do doente o objeto patogênico. (GARNELO; BUCHILLETI, 2006).

O *kumua* é um sacerdote sagrado e seus poderes estão baseados nos conhecimentos das mitologias do grupo e das iniciações, procedimentos-rituais de anos de treinamento e prática. Deste modo, o líder e médico espiritual estuda as plantas medicinais, utilizando-as em seus rituais, tais como coca, tabaco e ayahuasca, a fim de obter os conhecimentos necessários para praticar a pajelança.

As danças, as músicas, o artesanato e o xamanismo fazem parte das tradições presentes na etnia. No caso da dança, cada uma delas é praticada em contexto ritualístico específico e, dependendo dos rituais, são utilizados determinados instrumentos musicais em detrimento de outros. As principais cerimônias que são marcadas pela música e pela dança são: a construção de casas, derrubada e plantio de roças, nascimentos, iniciações, casamentos, mortes, migração dos peixes e pássaros, a disponibilidade de frutos silvestres para serem colhidos, para tais, são utilizados instrumentos tais como o maracá.

O maracá é um instrumento musical tradicional das culturas indígenas das Américas, especialmente da América do Sul. Ele pode ser confeccionado com cabaça ou com o fruto de uma planta chamada coité, ambas são utilizadas quando os frutos já estão secos, nesse estado esses frutos são ocos e geralmente são preenchidos com sementes ou pedras. Esse recipiente é selado com um cabo de madeira e pode ser adornado com fios, couro, plumas de aves dentre outros materiais. Pode ser considerado um instrumento de percussão (na



PARTEKA, T. et. al.



linguagem musical), porém esse objeto cumpre papéis importantes dentro das etnias dos povos indígenas que vão desde rituais de cura até celebrações.

Os rituais envolvendo instrumentos musicais sagrados de *Yurupari* são a maior expressão da espiritualidade Desana, pois expressam os mais altos valores da etnia: ancestralidade, identidade do grupo, relação entre homens e mulheres, crescimento, amadurecimento, interação do ciclo de vida humano com o do cosmo (ÍNDIOS DO BRASIL, 2014).

Os Tariana, se autodenominam-se como Taliaseri. Se reconhecem e são reconhecidos como “filhos do sangue do trovão”, *bipó diroá masí*. Estão localizados no povoado de lauaretê ou em comunidades próximas às margens do Uaupés. A população dos Tariana no Distrito de lauaretê foi estimada, em 2004, em cerca de 1.300 indivíduos, mas há um número desconhecidos de Tariana vivendo nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos. Com o processo de urbanização da região, os Tariana têm buscado articular práticas culturais dos não indígenas com as práticas tradicionais do seu povo. (ANDRELLO, 2004). A língua tariana é herdeira do tronco linguístico Aruak, embora seja falada por poucos membros da comunidade, já que a língua tukano é a língua ensinada nas aldeias. São especializados em implementos de pesca como *caiá*, *cacuri*, *matapi*.

Semelhante aos Desana, os Tariana também se organizam por *sib*, sendo o sistema base social, por meio do qual é reconhecida a hierarquia social que deve ser mantida pelos matrimônios. “Há, de fato, cinco papéis rituais diferenciados hierarquicamente, pois além de chefes e servidores, que ocupam as pontas da escala, há três outras posições intermediárias ocupadas por *sibs* específicos, como as de cantores, guerreiros e xamãs” (ANDRELLO, 2004). Cada *sib possuía* nomes, cantos, histórias e conhecimentos específicos, sendo que no passado, também tinham objetos e adornos específicos que serviam de distinção social. As



PARTEKA, T. et. al.



missões salesianas na região, afetaram essa estrutura social, fazendo com que os *sibs* se dispersassem, porém, os *Koivathe* (chefes) com os conhecimentos da língua e uma relativa autonomia conseguiram permanecer.

Tanto os Tariana, quanto os Desana tiveram seus territórios invadidos desde o processo de colonização do Brasil, se intensificando durante o ciclo da borracha (1870-1920). A partir do século XIX, Missões Salesianas e Franciscanas invadiram a região com o objetivo de catequização. Essas missões recebiam incentivos do Estado – inclusive financeiramente, já que se localizavam em território de fronteira com a Colômbia e o governo entendia que o apoio às missões garantiria a soberania nacional. Nimuendaju (1927) descreveu que a ausência do Estado, favorecia os abusos cometidos contra os indígenas.

A partir dos 1930, a região recebeu um internato, realizado pelas Missões Salesianas. O objetivo era a catequização dos indígenas: destruir seus costumes e impor uma nova forma de vida. Forma de vida, que do ponto de vista Salesiano, seria levada para as comunidades na ocasião do retorno dos estudantes, fazendo com que suas malocas fossem destruídas em detrimento de casas barreadas e capela, por exemplo.

A partir da década de 1970, com Plano de Integração Nacional (PIN), que objetivava a colonização da Amazônia os habitantes da região puderam ver as mudanças que ocorreram na região, especialmente em São Gabriel da Cachoeira. “E enquanto São Gabriel crescia e assistia à chegada de novas instituições públicas, em Iauaretê o Estado continuava a se fazer presente por intermédio da Missão”. (ANDRELLO, 2004). A partir da década de 1980, a região começou a ser invadida por garimpeiros atraídos pelos minérios da Serra do Traíra e da Serra dos Porcos. No final da década de 1980, os internatos salesianos foram fechados acontecendo um “êxodo rural” na região.



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



3. O PODCAST COMO UM MATERIAL DIDÁTICO PARA UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL

O *podcast* é um arquivo de áudio disponibilizado na internet para download por qualquer usuário da rede. Suas funções são variadas, desde o entretenimento e a divulgação de informações até o seu uso para fins educacionais (LENHARO E CRISTVÃO, 2016). De acordo com Cebeci e Tekdal (2006 p.01), “a comunicação via *podcast* visa distribuir conteúdo para ser usado em reprodutores de áudio/vídeo móveis e digitais, como iPods, incluindo todos os outros reprodutores de MP3, telefones celulares e PDAs” (CEBECI; TEKDAL, 2006, p.49, tradução nossa⁹). Nessas produções os principais formatos observados são entrevistas, monólogos, histórias, notícias, dentre outros mais, com potencial de abordar qualquer assunto.

O resultado de nossa bionarrativa social foi o *podcast* “*Abya Yala desde el Sur com as etnias Desana e Tariana – entrevista com Maracás*”, com duração de 18 minutos, construído de modo coletivo e dialogado com as etnias Tariana e Desana, em que por meio de uma narrativa, os indígenas Diâkarapo e Ka’ali foram personificados como Maracá, contaram suas vivências e experiências para os personagens não indígenas Tinta e Pincel. Na abertura do *podcast*, o personagem Pincel Jairo se apresenta:

Olá, pessoal. Espero que esteja tudo bem com vocês! Aqui é do canal Abya Yala Viva, aqui quem fala é o Pincel Jairo, eu sou lá da escola e meus avós e pais eram Giz de Quadro, nas décadas anteriores eles já escreveram muitas

⁹ Podcasting aims to distribute content to be used with mobile and digital audio/video players such as iPods including all other MP3 players, cell phones and PDAs.



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



coisas na lousa, muitas histórias para as gerações passadas de alunos, *eu sou um pincel novo e preciso aprender para ensinar, estou aqui para aprender outros lados da história indígena do Brasil. Preciso entrar nas escolas de um jeito novo e diferente, vamos começar com a escuta?!* (ABYA YALA DESDE EL SUR COM AS ETNIAS DESANA E TARIANA, 2022, grifo nosso)

Percebemos que a linguagem do *podcast* é informal, justamente para aproximar os ouvintes do que é narrado. Seu caráter interativo se dá por meio da possibilidade de os ouvintes entrarem em contato com os apresentadores, fazendo perguntas e sugestões, por meio das redes sociais, mas também pelas conversas que acontecem entre os entrevistadores, participantes e convidados.

O nome do podcast “Abya Yala Viva”, já localiza discursivamente o *podcast*, pois parte da denominação do território realizado pelos indígenas, isto é, não vemos a reafirmação de um território por um nome europeu, mas por um nome originário. O substantivo “viva” reafirma a vida e a existência desses povos que historicamente foram marginalizados e excluídos, tanto que o personagem afirma “estou aqui para aprender outros lados da história indígena do Brasil” (ABYA YALA DESDE EL SUR COM AS ETNIAS DESANA E TARIANA, 2022).

O personagem ser um pincel e seus pais serem giz, destaca uma diferença geracional a medida que o pincel apresenta uma postura decolonial, uma postura de escuta frente aos saberes indígenas. A outra personagem não indígena é a tinta e percebemos nela essa mesma postura decolonial:

Olá, amigo Jairo e queridos ouvintes! É sempre um prazer muito grande estar com vocês, neste canal, para falar sobre a existência daqueles que resistem e que nos ajudam a escrever novas histórias. [...] Para quem não me conhece ainda, eu sou tinta Thamara, *minha tataravó foi usada para escrever a carta de*



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



Pero Vaz de Caminha, as tintas daqueles tempos ficavam presas em caixinhas e contavam apenas a versão da história dos colonizadores. Hoje em dia, tintas como eu, ocupam os livros, artigos acadêmicos, mas também os grafites e os pichados dos muros das ruas que denunciam a História com H maiúsculo e abrem possibilidades para o registro de diferentes perspectivas (ABYA YALA DESDE EL SUR COM AS ETNIAS DESANA E TARIANA, 2022, grifo nosso).

A personagem tinta mostra essa diferença geracional dos seus antepassados que escreveram o documento símbolo da colonização, a carta de Pero Vaz de Caminha, mas aponta que na contemporaneidade as tintas contam histórias de diferentes perspectivas, vozes e materiais, já que ela pode ser encontrada não só em um documento oficial, mas em um muro, em uma música, enfim, em diferentes linguagens.

Embora a era do colonialismo tenha acabado, os legados da educação colonial continuam a ser sentidos nos dias de hoje. A educação na perspectiva da colonialidade muitas vezes é usada, ainda hoje, como uma ferramenta para reforçar o poder e a influência dos valores colonizadores e invisibilizar visões de povos estruturalmente subalternizados. O currículo muitas vezes se concentra no ensino de línguas, história e cultura europeias, negligenciando as línguas e tradições de povos originários do Brasil, por exemplo.

De forma a contrapor esse modelo, a educação a partir da perspectiva decolonial busca desafiar as estruturas de poder e dominação presentes nos sistemas educacionais tradicionalistas, em que as narrativas eurocentradas possuem maior predominância se comparada à de povos historicamente subordinados, isto é, os povos indígenas e as nações africanas. O autor Luiz Rufino em seu livro *Vence-demanda: educação e descolonização*, questiona a tarefa da educação ao dizer que:



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



A educação não pode estar ligada a qualquer defesa de desenvolvimento humano e de seu caráter civilizatório que esteja calçada em uma única lógica. Em outras palavras, a educação não pode estar a serviço do modelo dominante, pois ela, em sua radicalidade, é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes nos processos de descolonização. (RUFINO, 2021, p.10).

Nessa abordagem crítica de educação, valoriza-se a diversidade de saberes e conhecimentos produzidos por diferentes povos, dentre eles indígenas, abrindo caminho também para um ambiente educacional que promova a diversidade nos campos social, epistêmico e cultural. Na elaboração do material, foi de crucial importância a participação dos indígenas que trouxeram para o trabalho as cosmopercepções de seus povos.

A cosmopercepção é uma concepção desenvolvida pela pesquisadora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí no trabalho “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” (2021) em que buscou substituir o termo cosmovisão:

O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. (Oyěwùmí, 2021, p. 42).

Oyěwùmí faz a utilização do termo ao descrever os povos iorubás e “outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos” (p. 42 e 43), ampliando a concepção centrada somente na visão. Na entrevista, o *podcast* fomenta a contextualização e reflexão a partir dos territórios indígena e não indígena e os personagens se alternam em falas, perguntas e respostas trazendo suas perspectivas para a construção do diálogo. Em uma das perguntas realizada por um dos entrevistadores, foi indagado aos Maracás:



PARTEKA, T. et. al.



Pergunta do entrevistador “Pincel Jairo”: - Vocês Maracás das etnias Tariana e Dessana, com certeza vocês já circularam muito acompanhando os indígenas, acompanhando os povos de vocês, qual foi a pergunta mais estranha que vocês já ouviram ao fazer esses encontros, nas palestras, nas escolas, qual foi a pergunta mais estranha que vocês já escutaram?

Resposta da entrevistada “Maracá Claudilene Desana”: - O que nós Maracás sempre escutamos é que nós não temos importância nenhuma para os outros, né! Mas pelo contrário, nós somos muito importantes, pois somos passados de geração em geração. As nossas lutas estão presentes em todos os lugares, nós estamos aqui para fortalecer todos os dias.

Resposta do entrevistado “Maracá Agostinho Tariano”: A mais estranha que eu ouvi aqui em Sorocaba foi um homem de meia idade me perguntando dentro do ônibus, se sou um estrangeiro, se sou peruano. E quando respondi que sou indígena do Amazonas, ele me perguntou: cadê o seu arco e flecha? Outro foi um dos colegas de classe (na universidade) me disse: vou viajar para conhecer a sua comunidade e quando chegar lá, ele disse que *vai ficar* atrás de mim para não ser agredido, para não ser flechado.

Ainda que se trate de uma ficção-áudio-narrativa, os aspectos trazidos são de situações cotidianas reais, vividas e experienciadas por Diâkarapo e Ka’ali, enquanto indígenas na interação com pessoas não indígenas. Essas perspectivas compõem a poética das personagens fictícias – Maracás – com situações reais e experienciadas corporal e psicologicamente por essa indígena e esse indígena das etnias Desana e Tariana.

Neste aspecto, o *podcast* se torna uma ferramenta de denúncia de práticas de colonialidade e uma maneira de desafiar estereótipos culturais, promovendo uma visão social mais ampla e justa com vistas nos valores da diversidade e coexistência, já que possibilita que diferentes vozes sejam ouvidas, as quais muitas vezes são silenciadas e invisibilizadas na mídia tradicional. Ao trazer as perspectivas dessas vozes sub-representadas para o diálogo, o *podcast* pode ajudar a quebrar barreiras culturais e promover uma ampliação de horizontes na consciência de outras existências.



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



A produção de *podcast* com temáticas indígenas pode ser considerada uma ferramenta a mais na visibilidade de povos originários do Brasil. Materiais e conteúdos criados por indígenas, por exemplo, podem estar disponíveis à comunidade não-indígena, viabilizando meios de resistência e informações no acesso à essas vozes. No processo de produção de áudios com materiais narrativos mediados pela tecnologia, cria-se um possível estreitamento e convergência com a oralidade, um aspecto intrínseco comum às culturalidades indígenas.

Além disso, esse material pode mediar questões relacionadas à oralidade, já que as Populações ou Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2007) transmitem de forma oral o conhecimento sociocultural-religioso. É por meio da contação de histórias e da prática cotidiana que essas comunidades mantêm vivas suas tradições.

Para os povos originários brasileiros, a tradição oral tem grande importância dentro da comunidade e por isso é fundamental o respeito aos mais velhos, que geralmente são responsáveis por contar as histórias dos antepassados (BASSI; BOTELHO, 2018).

O surgimento de novas tecnologias de comunicação, como o *podcast* e outras formas de mídia digital, tem proporcionado uma oportunidade única para que as pessoas abordem a oralidade de novas maneiras. Além disso, a tecnologia pode ser usada para ampliar a voz de pessoas e grupos que, tradicionalmente, têm sido silenciados, marginalizados e excluídos da sociedade. Assim, a rede possibilita que as pessoas criem e compartilhem conteúdo sem a necessidade de recursos financeiros significativos ou conexões privilegiadas na indústria da mídia.

No entanto, é importante notar que a tecnologia também pode apresentar desafios podendo ser vista como um meio de comunicação distante e impessoal, que não permite a mesma conexão pessoal e a sensação de comunidade que são comuns na oralidade tradicional. Além disso, a tecnologia pode perpetuar a exclusão digital, já que nem todos têm



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



acesso igual às ferramentas e habilidades necessárias para participar plenamente da comunicação digital.

Entretanto, essa tecnologia pode ser usada para preservar e difundir a oralidade da cultura de povos indígenas. O uso de tecnologias de gravação de áudio e vídeo, por exemplo, pode auxiliar no processo de registro da cultura oral, podendo ser um dos meios de viabilizar a preservação e a partilha com as gerações futuras indígenas e não-indígenas.

No contexto educacional, o *podcast* pode ser um recurso didático disparador para fomentar discussões e debates com temas complexos de maneira mais aprofundada que os presentes na grande mídia, justamente por trazer uma pluralidade de vozes e perspectivas, contribuindo assim para uma compreensão mais ampla e crítica sobre diferentes questões sociais, culturais e políticas.

Seu formato aberto e multivocal incentiva a escuta ativa e o engajamento reflexivo, criando assim um ambiente mais participativo e colaborativo para a aprendizagem. Os/as produtores/as de *podcast*, por exemplo, podem selecionar convidados/as de diferentes origens e culturas para compartilhar suas experiências, opiniões e conhecimentos. Isso pode ajudar a promover a ideia de diversidade cultural e a interculturalidade, podendo assim propor o alcance de uma compreensão mútua entre pessoas de diferentes tradições culturais.

Os professores, por exemplo, podem usar o *podcast* como uma ferramenta para enriquecer o ensino e motivar os alunos a explorar novas áreas do conhecimento. Além disso, em alguns contextos, ele pode viabilizar uma oportunidade para que os estudantes aprofundarem seus conhecimentos sobre temáticas específicas, dentro do seu próprio ritmo e autonomia. Isso pode ser especialmente benéfico para estudantes que necessitem de mais tempo para assimilar e ou revisar determinado conteúdo.



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



4. O PAPEL DAS BIONAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA CIÊNCIA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

As Bionas são Bionarrativas Sociais que permitem modos de aprender e ensinar dialógicos, através de narrativas que se constroem em intercâmbio entre a diversidade local e aspectos culturais territoriais com os saberes científicos e escolares. O pesquisador Danilo Kato, descreve que essa nomenclatura decorreu da percepção de que essas produções narrativas revelavam não só aspectos da diversidade cultural para o ensino de biologia, mas uma dimensão subjetiva que mostrava a possibilidade de romper com os silenciamentos sociais, possibilitando um reposicionamento a partir da alteridade. (KATO, 2020).

Elas cumprem um papel de desestabilização frente ao modelo histórico de ciência positivista, pois indicam um caminho subsidiado pela diversidade biológica, cultural, social, política e econômica (CASTRO; MOTOKANE; KATO, 2014), pela experiência de si e pela memória (SILVA, 2021). Assim, os aspectos subjetivos dos pesquisadores não são negados ou negligenciados, mas reconhecidos e localizados, evidenciando assim suas trajetórias, seus lugares de fala e a possibilidade de reconhecimento de si e do outro diante das produções dialógicas.

Neste sentido, as Bionas contribuem para a construção de pluriversidades, valorizando conhecimentos e saberes que não se reduzem a ótica colonial moderna ocidental ou pela produção de homens ocidentais de cinco países (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália) que teriam a suposta mágica de tornar suas teorias universais: “O privilégio epistêmico e a inferioridade epistêmica são dois lados da mesma moeda. A moeda é chamada racismo/sexismo epistêmico (GROSFUGUEL, 2012), na qual uma face se considera superior e a outra inferior” (2016, p. 27), que tem contribuído para a reafirmação do privilégio



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



epistêmico de poucos homens e servido para a construção de projetos imperiais/coloniais/patriarcais (GROSFOGUEL, 2016).

Essas narrativas valorizam os saberes e práticas produzidos pelos povos indígenas, povos africanos, as mulheres, formando conhecimentos plurais e justiça cognitiva, contribuindo assim para a construção de uma ciência intercultural e para um projeto de decolonização que pode abrir portas para ideias, práticas e instituições diferentes das estabelecidas pelo mundo ocidental moderno, redefinindo elementos em diferentes direções, de acordo com a diversidade epistêmica do mundo, possibilitando a decolonização da modernidade eurocêntrica e a construção de um mundo transmoderno e pluriversal (DUSSEL, 2008).

Por meio do diálogo não hierárquico entre a produção do conhecimento acadêmico e os saberes populares, de uma escuta ativa de todos os participantes e por meio de uma postura de aprendiz dos próprios pesquisadores, as bionas se tornam uma ferramenta para o estudo de si, com possibilidades de exercícios auto educacionais e auto avaliativos, compreendendo que os traços de colonialidade compõe nossa corporeidade, subjetividade e cultura, sendo crucial o trabalho de autoeducação para a transformação de si e da cultura.

Desta forma, por meio deste trabalho o pesquisador não vai até uma biodiversidade apenas para registrar, analisar e catalogar o que é observado, dito ou manifesto, mas vai para aprender como os saberes populares se expressam por meio de mestres da cultura, para reconhecer como essas comunidades tem se sustentado por décadas ou séculos por meio de determinadas tradições e como esses conhecimentos podem não só serem utilizados para a produção da ciência, mas para renovar nossa própria concepção de ciência, cultivando modos de produção de conhecimentos plurais.



PARTEKA, T. et. al.



Agregada a essa possibilidade de transformação de si, do modo de fazer ciência e da cultura, as Bionas se tornam um rico material didático para a educação nas escolas. Candau (2011) aponta que a escola tem um papel social importante no que tange ao combate às desigualdades sociais e na promoção e valorização da diversidade e dos saberes subalternizados, possibilitando a construção do conhecimento de modo dialógico. Neste sentido, as bionas cumprem o papel de possibilitar aprendizagens de modos plurais, favorecendo práticas pedagógicas que tem como cerne a interculturalidade crítica e a decolonialidade.

Catherine Wash distingue a interculturalidade funcional da crítica. Enquanto a primeira está focada nos aspectos culturais, buscando o reconhecimento e inclusão, mas mantendo as velhas estruturas, “a interculturalidade crítica parte do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença (colonial, não simplesmente cultural) que foi construída em função disso” (WALSH, 2009, p. 22). Para a autora uma educação intercultural parte do:

[...] desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar com as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos “outros” – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. A interculturalidade crítica e a decolonialidade, nesse sentido, são projetos, processos e lutas que se entrecruzam conceitualmente e pedagogicamente, alentando forças, iniciativas e perspectivas éticas que fazem questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir (WALSH, 2009, p. 25).

Na nossa prática e pesquisa, Diâkarapo e Ka’ali participaram de todas as etapas da construção da biona, inclusive a sugestão de ser em formato de *podcast* e os personagens serem maracás partiu dos próprios indígenas. Ampliaram nossa percepção a respeito do maracá, pois não se trata apenas de um instrumento musical: dependendo do contexto,



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



cerimônia e material produzido, ele pode ser usado exclusivamente por xamãs em rituais de cura.

Na ocasião em que Ka'ali nos contou sobre os usos do maracá nos processos de cura, ele narrou práticas medicinais com base nas ervas e nos explicou a trajetória que uma pessoa precisa percorrer para se tornar um pajé, um caminho bastante árduo e desafiador. Somente depois de vencer todas as etapas e percursos que duram anos, é que a pessoa pode se tornar ou não um xamã, a depender da validação dos espíritos que são invocados pelo toque do maracá. Assim, por meio de nossas reuniões e diálogos tivemos a oportunidade para aprender sobre cosmopercepções que não faziam parte de nosso horizonte, mas que por meio da construção da biona tivemos a oportunidade de reconhecer, ampliar nossos conhecimentos e valorizar essas diferentes compreensões.

As perguntas, histórias e respostas foram compostas por todos os participantes que, literalmente tiveram suas vozes expressas nas gravações do *podcast* e, depois de concluído o trabalho, e que avaliaram e aprovaram o material antes de sua publicação. Assim, o *podcast* se deu por meio de um processo de Produção Partilhada de Conhecimento, onde os saberes acadêmicos e tradicionais interagiram e negociaram. Conforme afirma Caio de Salvi Lazaneo (2012), o sujeito na elaboração de uma produção partilhada é ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa-diálogo, havendo uma reconfiguração entre sujeito, pesquisador na função de interlocutor exercitando o ato comunicativo na produção do conhecimento. Assim, a interculturalidade se deu a partir do encontro de quatro estudantes indígenas e não indígenas e seus alterfatos culturais, tendo uma biona como ponto de encontro que ao mesmo tempo narra aspectos da história e cultura desses povos, contam a história desses estudantes envolvidos e colaboram para a produção de novos modos de aprender e ensinar, valorizando a experiência autobiográfica territorial atravessadas de conflitos e resistências.



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *podcast* como um gênero discursivo recente – criado em 2004, reinventou o rádio, democratizou o direito de fala e, por meio dessa democratização, foi um dos meios que possibilitou que grupos subalternizados pudessem ocupar o centro de suas narrativas, nomeando a si mesmos e ao seu redor – rompendo com o discurso monolítico imperativo colonial, que neste caso, o taxava como “índio” ou “selvagem”.

“*Abya Yala desde el Sur* com as etnias Desana e Tariana – entrevista com Maracás”, foi construída a partir da personificação de materiais concretos: dois Maracás, uma Tinta e um Pincel que, por meio de uma ficção-áudio-narrativa, narrou aspectos da cultura Desana e Tariana e denunciou práticas discriminatórias na relação entre os povos indígenas e não indígenas. Assim, o resultado do trabalho foi uma biona, a partir do gênero discursivo *podcast*, tendo como suporte as ferramentas de *Whatsapp* para captação de áudio e o programa *Audacity* para a edição, totalizando um material de áudio de 18 minutos.

Pensando num contexto educacional, a flexibilidade relacionada ao tempo e ao espaço é uma das vantagens da utilização do *podcast* como um recurso didático, pois se torna mais acessível e atrativo para estudantes, de modo que eles têm maior liberdade de fazer o *download* do arquivo de áudio e ouvir a qualquer momento e lugar. Devido a esse caráter de inovação na produção, acessibilidade e reprodução, o *podcast* é uma mídia que tem se popularizado cada vez mais nos últimos anos, podendo ser uma ferramenta valiosa para promover o diálogo e o desenvolvimento de uma perspectiva decolonial na sociedade.

Compreendemos que o intercâmbio com os mestres de cultura Desana e Tariana e os estudantes não indígenas foi de condição *sine qua non* para a produção da Bionarrativa



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



Social. Assim, esse trabalho resultou em uma prática e intercultural que buscou dialogar com os aspectos dos saberes tradicionais com a cultura acadêmico-científica valorizando a subjetividade de cada participante.

A participação dos povos indígenas na produção de *podcast* possibilitou que suas narrativas, conceitos, significados fossem difundidos para diferentes territórios, rompendo e resignificando as fronteiras sociais e culturais construídas entre os povos originários e não indígenas. Essa prática renova o significado do termo cultura, ampliando essa noção e permitindo o conhecimento da diversidade cultural brasileira, sendo um recurso de valor inestimável para práticas educacionais.

A tecnologia envolvida na produção das bionas no formato de *podcast*, além de tornar possível um maior acesso e alcance do material produzido em plataformas tecnológicas, promoveu certo diálogo com a cultura oral, que também é um importante aspecto dos povos originários do Brasil. Neste sentido, acreditamos que com o *podcast*, criado a partir das cosmopercepções dos Maracás dos povos Desana e Tariana, foi possível alcançar um produto didático que propõe um caminho para prática educacional antirracista e decolonial.

Concluiu-se que esse material pode contribuir para propostas de elaboração de materiais didáticos que busquem envolver os aspectos interculturais, principalmente em dialogicidade com a temática indígena, corroborando assim para a construção de uma educação antirracista, que valoriza a diversidade e denuncia traços de colonialidade presentes na sociedade, que marginalizam e estereotipam os povos originários.

REFERÊNCIAS



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



Abya yala desde el sur com as etnias Desana e Tariana - entrevista com Maracás”. Entrevistados: Diâkarapo e Ka’ali. Entrevistadores Thamara Parteka e Jairo Adriano Almeida do Nascimento. 10 de dez. de 2022. **Podcast**. Disponível em: <https://bionarrativassociais.wordpress.com/blog/> Acesso: 26 de abril de 2023.

ANDRELLO, G. L. Iauarete: transformações sociais e cotidiano no rio Uaupes (alto rio Negro, Amazonas). 2004. 239 p. **Tese (doutorado em ciências sociais)**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas - Campinas. 2004. Disponível em: <https://www.cpei.ifch.unicamp.br/pf-cpei/%20/AndrelloGeraldoL..pdf> Acesso em: 07 de fev. De 2023.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**, n. 28, p. 316-316, 2007.

BASSI, Flávio; BOTELHO, Luana de Medeiros. Leitura entre mundos: Relato de uma experiência de Educação popular indígena. 2008. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/4138> Consultado em 21/04/2023 DUSSEL. Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: *Colección Sur Sur*, CLACSO, 2005.

CEBECI, Zeynel; TEKDAL, Mehmet. Using podcasts as audio learning objects. **Interdisciplinary Journal of E-Learning and Learning Objects**, v. 2, n. 1, p. 47-57, 2006.

GARNELO, Luiza; BUCHILLET, Dominique. Taxonomias das doenças entre os índios Baniwa (arawak) e Desana (tukano oriental) do Alto Rio Negro (Brasil). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 231-260, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/hGjgbPtJ6F8Ypk9ktKDvm5Q/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 07/02/23.

HUGH-JONES; CABALZAR, Etnias do Rio Uaupés: Desana. **Website Socioambiental**, 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Desana> Acesso em: 07 de fev. 2023.

KATO, Danilo S. (org). **BIONAS para a Formação de Professores de Biologia**: experiências no Observatório da Educação para Biodiversidade. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ÍNDIOS DO BRASIL. **Rituais da tribo Desana**. Doc. 13 min. Amazonas, 2014. Disponível em: https://ufmt.br/povosdobrasil/index.php?option=com_k2&view=item&id=133:rituais-da-tribo-desana. Acesso em: 07 de fev. De 2023.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



PARTEKA, T. et. al.

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064



LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf> . Acesso: 19 jan. 2023.

LAZANEO, Caio de Salvi. **Produção partilhada do conhecimento**: uma experiência com as comunidades indígenas Xavante e Karajá. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-21052013-120828/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Podcast, participação social e desenvolvimento. **Educação em Revista**, v. 32, p. 307-335, 2016.

OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Mórula Editorial, 2021.

SANTOS, Andreia I dos. **Recursos Educacionais Abertos no Brasil**: [livro eletrônico]: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227970> Acesso em: 06 de fev. 2023.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. 553 p.

Como citar este artigo (ABNT)

PARTEKA, T. **A VOZ ANCESTRAL EM NÓS: produção partilhada de conhecimento na construção da BIONAS “Abya yala desde el sur com as etnias Desana e Tariana - entrevista com Maracás”**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 10, n. 1, p. XXX-XXX, 2023. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

PARTEKA, T. Et. al (2023) **A VOZ ANCESTRAL EM NÓS: produção partilhada de conhecimento na construção da BIONAS “Abya yala desde el sur com as etnias Desana e Tariana - entrevista com Maracás**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.